**Artigo: Genealogia da prática e suas implicações para a estratégia como prática**

Tabela 1

**Princípios convergentes da teoria da prática**

|  |  |
| --- | --- |
| A realidade é socialmente construída | A família de teorias da prática crê que a realidade (o social) não está objetivamente dada, portanto não existe uma realidade dada e única a todos (*a priori*) e, sim, concepções socialmente construídas permanentemente. |
| Proposta de uma ontologia social de caráter relacional (ontologia de fluxo e não de substância/essência). | A interação não é vista como uma relação entre entidades que preservam sua distinção individual. A interação “dispara” um processo de co-existência (fusão que acontece no tempo presente) mediado pelos significados culturais. Trata-se de uma ontologia relacional/de fluxo e não de substância. |
| Existência de um *background* de compreensão *a priori* do esquema interpretativo humano (dimensão pré-reflexiva/implícita da cognição e ação humana). | A compreensão humana é uma operação anterior à interpretação (ou representação), é um conhecimento não explicitamente articulado chamado de *background* ou estado pré-reflexivo ou, ainda, de cultura A interpretação é uma das formas possíveis de compreensão, mas toda interpretação é realizada a partir de uma compreensão. Como visto, as práticas são condutoras/portadoras de uma carga cultural, formando o *background* para a ação (CHIA E MACKAY, 2007); são o espaço de integibilidade para a ação (SCHATZKI, 2005); são, portanto, uma instância (ressonância) do *background*. Decorre daí, que as particularidades histórico e cultural são imanentes ao conceito de prática e que a identificação das práticas sociais não pode ser confundida com a mera descrição de atividades individuais ou rotinas/processos organizacionais. Esse cuidado também foi destacado por Bispo (2015). |
| Conceito de lógica imanente da prática | Frente ao debate da agência-estrutura, a teoria da prática fornece uma linha de fuga que consiste na crença numa lógica imanente da prática. Assim a capacidade de agência não é dada aos atores e nem à estrutura/organização e, sim, às práticas. Os objetivos individuais e as normas sociais são o resultado de um processo de construção pública e coletiva desencadeado pelas práticas. A racionalidade da ação é atribuída às propensões e disposições históricas e culturais, que constituem as redes de significado. |
| O conhecimento emerge a partir do engajamento no mundo | Na teoria da prática, a possibilidade do conhecimento se dá a partir da vivência no mundo (imersão no plano da vida). O ato de conhecer não se separa do fazer. |
| O foco deve estar nos padrões de produção e reprodução das práticas | A partir do arcabouço da teoria da prática, cabe focalizar as questões: como as práticas são mantidas, transmitidas e impostas sobre as ações subsequentes? Como esses padrões governam, influenciam ou constituem as ações de indivíduos? Como os indivíduos descrevem/organizam sua própria realidade? |
| Concepção ampliada da prática | As práticas são arranjos constituídos de discurso, corpo, processos mentais, artefatos, conhecimentos, etc. A sociabilidade (ontologia) é, portanto, um feixe de práticas. |
| Possibilidade de entender as organizações como um feixe de práticas sociomateriais | No escopo da teoria da prática, as organizações são compreendidas menos por sua dimensão estrutural/estática (a partir de categorias tradicionais, tais como hierarquia, porte, eficiência/eficácia econômica, áreas funcionais, dentre outras) e mais pelo aspecto relacional manifestado no fluxo de ações cotidianas, que configuram práticas compostas por elementos discursivos e não-discursivos e humanos e não-humanos. |

**Nota.** Fonte: Elaborada pelos autores.